

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOCIÊNCIAS

JOSÉ MESSIAS BASTOS

MEMORIAL DE ATIVIDADES ACADÊMICAS (MAA)
PARA AVALIAÇÃO COM A FINALIDADE DE
PROMOÇÃO A PROFESSOR TITULAR

Florianópolis/SC

2019

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	1
2. TRAJETÓRIA PESSOAL.....	2
3. PESQUISA	15
3.1 Orientações.....	15
3.2 Publicações.....	19
4. ENSINO.....	26
5. EXTENSÃO	32
5.1 Atividades de extensão.....	32
5.2 Cargos administrativos	37
6. MILITÂNCIA POLÍTICA: uma extensão da academia	40
ANEXOS	43

1. INTRODUÇÃO

Apresento aqui meu Memorial de Atividades Acadêmicas para avaliação com finalidade de promoção a professor titular. De maneira resumida, descrevo aqui minha trajetória pessoal e acadêmica como estudante e professor na área da Geografia, disciplina pela qual dediquei minha vida.

Este memorial estrutura-se em cinco partes principais. Na primeira, a seguir, descreverei um pouco minha trajetória pessoal durante os anos como estudante de graduação em Geografia e minha vida pós-formatura, antes de ingressar no departamento de Geociências da UFSC. É onde tratarei mais especificamente sobre as decisões que me levaram a escolher a ciência geográfica como área profissional e a UFSC como minha casa.

Em seguida, meu foco passa a ser a Pesquisa. Nela, tratarei sobre meus principais esforços acerca da pesquisa em Geografia, minhas contribuições orientando TCC's, dissertações e teses, meus principais artigos publicados em anais e periódicos científicos e minhas participações na publicação de livros completos ou capítulos de livros.

Na terceira parte, me debruço sobre o Ensino. Aqui, relembro minha trajetória como professor nas redes estadual e privada de ensino básico e superior até meu ingresso como professor na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Sobre este último, resalto as disciplinas ministradas por mim desde 1998, os campos e as principais percepções em sala de aula.

Na quarta parte, é a vez de discorrer sobre a Extensão, pilar fundamental da universidade pública. Inicialmente, descrevo minhas participações como coordenador e organizador de eventos, palestras e minicursos abertos a toda comunidade, acadêmica ou não. Em seguida, falo um pouco sobre as funções administrativas que assumi durante os anos como professor na universidade.

Por fim, a quinta e última parte é o momento onde descrevo a minha trajetória política dentro da universidade, ressaltando a importância da militância dentro do ambiente acadêmico e fora dele como elemento transformador da realidade.

2. TRAJETÓRIA PESSOAL

A primeira parte do presente memorial procura destacar momentos importantes em que tive a sorte de vivenciar nas décadas em que a cidade de Florianópolis sofreu profundas transformações. Em seguida, abordo alguns aspectos importantes da Geografia que valem muito serem registrados. E, por último emitir, considerações sobre aspectos objetivos relacionados à crise brasileira atual.

Depoimento sobre a cidade de Florianópolis

Há 62 anos sou morador da cidade de Florianópolis, e aqui irei relatar alguns acontecimentos marcantes aos quais vivenciei, para, em seguida, apresentar as explicações que considero necessária.

Iniciarei contando um pouco da minha história de vida e o desenvolvimento da cidade a partir da década de 1960 do século XX. Nasci na localidade conhecida como Pedra Grande, que fica situada no começo do bairro Agrônômica, em uma pequena casa de madeira. Em seguida, minha família e eu mudamos para outra casa, também de madeira, na Avenida Mauro Ramos, que abrigava, além da nossa família, a de meu tio, irmão do meu pai. A minha irmã morava com meus avós maternos. Registre-se aqui que nesse começo de vida as privações familiares foram bastante severas. Meu pai perdeu os meus avós muito cedo, um com oito anos e outro aos 14 anos de idade, e assim, teve que trabalhar muito cedo e só pode completar o ensino no nível primário. Só retomou seus estudos no ano do meu nascimento, em 1957, vindo a completar o Ensino Médio em 1963.

Em 1964 eu entrei na escola já com sete anos de idade, e logo mudamos para uma residência próxima a Catedral Metropolitana. Por certo, a casa constituía-se de alvenaria geminada a um templo da Maçonaria, onde se cobrava um aluguel simbólico, mas com a contrapartida de zelar pelo referido edifício. Era uma casa grande, antiga, localizada de frente para a Rua dos Ilhéus, e fazia fundos com a Rua Saldanha Marinho, naquele trecho localizado entre a Rua Anita Garibaldi e a Fernando Machado. Ali morei por dois anos, mas fomos

obrigados a sair da casa, pois esta seria demolida para construção de um dos primeiros prédios de 11 andares da cidade, após mudança no Plano Diretor Municipal.

Outra transformação importante que acompanhei durante minha infância, foi o primeiro aterro para construção da Avenida Beira Mar Norte. Nesta época morava na Rua Crispim Mira, onde nos dias quentes do verão, aproveitava com os colegas para tomar banho na Praia de Fora (hoje a Avenida Beira Mar Norte). As ruas Bocaiúva, Almirante Lamego e Frei Caneca, eram as mais próximas à praia, com suas casas voltadas de costas para o mar e despejando seus detritos no mesmo. Com o aterro e a construção da referida Avenida, essas antigas casas gradativamente foram demolidas e substituídas pela grande quantidade de prédios que compõem a verdadeira muralha de concreto da Beira Mar atual.

A cidade estava crescendo e precisava de uma nova ponte, pois a Hercílio Luz já não comportava o fluxo de veículos. Logo se projetou, então, a Ponte Colombo Salles, e para sua construção, foi necessário fazer outro grande aterro, desta vez na Baía Sul (onde hoje funcionam os terminais urbanos de Florianópolis e a Rodoviária). O aterro se estende da Prainha até as proximidades da ponte Hercílio Luz, onde se localizava uma pequena ilha conhecida como Ilha do Carvão (tinha esse nome por ser o local de depósito do carvão que abastecia as indústrias então existentes na capital catarinense). A ilha do Carvão tornou-se a base de uma das colunas de sustentação da Ponte Colombo Salles. O sistema de aterro usado foi o de dragagem de um banco de areia localizado na praia do Saco dos Limões, onde, aliás, a comunidade local, na maré baixa, coletava o berbigão. A draga puxava areia do Saco dos Limões e por tubulação derramava a mesma no local onde hoje se localiza o aterro da Baía Sul. É importante lembrar que o aterro fechou por definitivo o porto da cidade de Florianópolis, e deixou a cidade de costas para o mar, interrompendo o fluxo de navios e cargueiros que atracavam em Florianópolis.

Entre a cidade e o mar, no aterro da Baía Sul, o paisagista Burle Marx (1909 – 1994), projetou uma imensa praça-jardim, que nas primeiras décadas, teve pouco uso pelos moradores da cidade. Este jardim enorme não serviu para nada. Foi projetado para os florianopolitanos desfrutarem momentos de lazer, porém para chegar até a praça era preciso passar por uma via de intensa circulação de veículos por todos os lados, não havia sombra e foram utilizadas pedras no revestimento da praça, tornando a área um espaço desagradável.

Atualmente o espaço desta praça serve de acesso às pontes Colombo Salles e Pedro

Ivo, bem como, tornou-se uma área de estacionamentos, camelódromo, terminais urbanos, Sambódromo Nego Querido e centro de convenções.

Outro fato importante a ser considerado foi a construção do Campus da Universidade Federal de Santa Catarina, que reuniu num único espaço as várias faculdades independentes existentes anteriormente na cidade, como a de Medicina, Economia, Direito e de Filosofia.

Esses marcos citados anteriormente demonstram claramente como a cidade esteve em processo de grandes transformações. A cidade era constituída por um núcleo urbano central e suas ruas partiam da Praça XV e da Catedral Metropolitana. Em seguida, o tecido urbano foi ampliado com o loteamento das inúmeras chácaras existentes nos arredores da cidade, fazendo surgir cada vez mais edificações, inicialmente com casas e sobrados na área central e adjacências. Essas residências, por sua vez, em poucas décadas foram substituídas por prédios residenciais e comerciais.

Com efeito, Florianópolis, enquanto título de capital do Estado e ainda praça portuária constituiu sua economia baseada nas atividades administrativas e comerciais – esta última, por exemplo, voltava-se a exportação de excedentes alimentares e o óleo de baleia, destacando-se entre outros a farinha de mandioca.

A possibilidade de ter vivenciado a crescente urbanização e diversificação das atividades comerciais da Ilha de Santa Catarina influenciou-me na escolha da temática de minha pesquisa de mestrado, onde procurei investigar o comércio de múltiplas filiais na região metropolitana da capital catarinense.

Cabe aqui ampliar a digressão sobre o desenvolvimento urbano e comercial de Florianópolis, desde sua origem até os dias atuais. A primeira urbanização foi impulsionada pelo fato de Nossa Senhora do Desterro, atualmente Florianópolis, no século XIX, ter sido uma importante praça portuária exportadora de excedentes alimentares cultivados na Ilha e no litoral catarinense próximo. Eram exportados inúmeros produtos como: arroz, feijão, açúcar, cachaça e, merecendo destaque, a farinha de mandioca.

Os comerciantes do Rio de Janeiro controlavam a comercialização dos produtos exportados pela capital catarinense, porque eram os proprietários das frotas dos barcos que operavam no litoral brasileiro.

Ainda na segunda metade do século XIX, com a chegada dos imigrantes europeus para os vales atlânticos catarinenses, a cidade ganha uma nova função, ou seja, de agregar a

função de praça importadora, constituindo-se então a segunda etapa da urbanização de Florianópolis. Essa nova função surge para suprir as necessidades das colônias recém-implantadas. As importações eram de maquinários e produtos para o dia a dia das colônias, tais como: enxadas, picaretas, martelos, pregos, arados, entre outros produtos que o Brasil não produzia, pois era carente de indústrias. As importações vinham principalmente da Alemanha e eram realizadas pelas novas casas comerciais que se instalaram na praça portuária de Florianópolis. Entre essas casas, merecem destaque: Hoepcke, Wendhausen, Mayer e Horn, que substituíram os antigos comerciantes de origem luso-brasileiros. A Casa Hoepcke, tornou-se o maior grupo empresarial catarinense na virada do século XIX para o século XX, investindo não apenas em atividades comerciais, mas também em atividades industriais, implantando fábricas de renda, pregos, gelo, e de barcos. Este mesmo grupo implantou filial em várias cidades da fachada atlântica (Itajaí, Joinville, São Francisco do Sul, Tubarão, Blumenau) e no planalto catarinense nas cidades de Lages e Joaçaba.

Com a segunda etapa da urbanização, a divisão social do trabalho se aprofundou, demandando mais empregados em várias atividades comerciais, de serviços e na administração pública. A urbanização da cidade foi crescente deste período em diante.

E como se dá início a terceira fase de urbanização da Ilha de Santa Catarina? Inicialmente houve uma decadência do papel exportador e importador ao qual a cidade havia alcançado. Os fatos que levaram a perda de velocidade serão sucintamente descritos a seguir.

Nesta contextualização histórica é importante lembrar que nos primeiros tempos da instalação das colônias europeias, ainda na fachada atlântica catarinense, a cidade de Florianópolis foi puxada pelo desenvolvimento, como já foi assinalado, mas logo em seguida, a rápida industrialização das áreas coloniais do interior do estado constituíram saídas portuárias independentes para o mar (Porto de São Francisco, de Itajaí e de Imbituba), reduzindo por décadas a capital catarinense a exclusividade da função administrativa.

Contudo, tal êxito alcançado pelas forças produtivas do interior do Estado catarinense obrigaram a modernização do aparelho administrativo da capital e a consequente instalação de novos serviços modernos de abrangência estadual (CELESC, CASAN, TELESC, SIASC, BESC, etc.), como também de abrangência federal (UFSC, IFSC, DNER, DNOS, IBAMA, DNPM, DENIT, EMBRATEL, ELETROSUL, Banco do Brasil, Caixa Econômica, etc.). É daí que a capital catarinense passa a exercer novas funções do terciário moderno superior e se agiganta em termos de prestação de serviços junto a retomada da atividade comercial.

De todo modo, não custa lembrar que de 1930 a 1980, o Brasil foi à segunda economia industrial que mais cresceu no mundo, multiplicando sua produção industrial em 27,1 vezes. Santa Catarina, nesse mesmo período, aumentou sua participação na produção industrial brasileira, registrando um crescimento entre 1940 e 1980, de 1,9% para 4%. A população catarinense manteve-se estável com relação à porcentagem populacional brasileira no período. Isso significou que o ritmo de crescimento da indústria catarinense foi muito mais rápido do que a média nacional, pois mais do que dobrou a sua participação no cenário brasileiro.

Além desses fatos comentados, outra importante questão inaugurada por volta das décadas de 1970/80, foi a explosão ocorrida na área do turismo em Florianópolis. Nestes anos começou a vinda massiva de turistas argentinos, uma vez que o câmbio estava paritário no país portenho e era vantajoso para seus conterrâneos passar suas férias na cidade, ao mesmo tempo em que era péssimo para a economia da Argentina, já que eles vinham gastar seus rendimentos no Brasil e, portanto, drenando riquezas da nação vizinha.

Acrescenta-se ainda aqui, o surgimento de novas atividades econômicas na área da alta tecnologia na cidade, a partir da década de 1980. Tal empreendimento teve sua origem na administração do Prefeito Edison Andrino (1986-1988), que criou a incubadora ACATE (Associação Catarinense de Empresas de Tecnologia). Dentre os inúmeros casos de sucesso, cita-se a Dígito, que presta serviços tecnológicos na área de telecomunicações para o mundo todo. O desenvolvimento tecnológico de Florianópolis mantém-se até os dias atuais, comportando um polo de alta tecnologia.

Assim, a cidade cresce em função desses acontecimentos apresentados, e é interessante chamar a atenção para a verticalização que ocorreu no triângulo cujos vértices são: as pontes que ligam a ilha ao continente, a Prainha ao sul e a Praça Celso Ramos ao norte. Fora desse perímetro urbano, o Plano Diretor Municipal não permitia a construção de edificações maiores do que de quatro andares. Só recentemente houve mudanças no Plano Diretor que ampliou o limite de edificações maiores para outras.

A cidade de Florianópolis, inicialmente cresceu por forças exógenas e depois por forças endógenas, primeiro por ser capital e em seguida pela força do turismo de verão e, por último, pela criação do polo de alta tecnologia.

Depoimento sobre a Geografia

Cabe inicialmente fazer uma breve digressão sobre o contexto político e econômico no qual se deu minha formação escolar e, em seguida, atentar para fatos relevantes vivenciados na minha trajetória na Geografia.

Primeiramente vale lembrar que me formei nos anos de chumbo, época em que imperava a Ditadura Militar (1964-1985) no Brasil, onde por sinal na área de humanidades, e ainda mais em uma escola técnica Federal com disciplina militar, não se estimulava o pensamento crítico, como também com o poder de polícia política constituída, não se permitia a organização de estudantes em centro acadêmico livres. O Centro Cívico era então a representação estudantil legal e era controlado por um professor. Este professor era nomeado pela Direção da Escola e tinha a tarefa de organizar com os alunos as atividades cívicas oficiais. Como não poderia ser diferente, a discussão política era minimizada e praticamente não existiu ao longo dos cursos Ginásial (Fundamental) e Técnico (Médio), que foram cursados entre os anos de 1970 a 1977.

Soma-se ainda, o fato da escola optar por extinguir o ensino ginásial, que foi muito angustiante. Assim, se ao final de ano ocorresse reprovação, o aluno reprovado tinha que compulsoriamente pedir sua transferência para outra escola. A pressão para cursar o 1º ginásial, o 2º, o 3º e o 4º, era lembrada com frequência, e deixava os alunos apreensivos e, assim, se tornava argumento forte para o seu enquadramento disciplinar e político. A organização escolar foi marcada pela cobrança de muitos deveres e a concessão de raros direitos escolares ao corpo discente. Cabe lembrar que este foi o período político da ditadura militar (Governo Médici - 1969-74) mais radicalmente repressor e que, por sua vez, estava amparado pelo vergonhoso AI-5. Por outro, lado uma lembrança que me impressionou muito, foi a notícia que um professor da escola tinha sido preso pelo regime militar, mas infelizmente não tive aula com o mesmo. Nessa escola havia professores competentes, mas raros transmitiam uma visão crítica de mundo. A professora de Geografia era muito burocrática, conservadora e autoritária.

Por outro lado, a economia do país prosperava e era capitaneada e conduzida pelo vigoroso crescimento industrial (taxas de crescimento de dois dígitos) que, aliás, resultava de uma política econômica afinada com Projeto Nacional de Desenvolvimento, iniciada com Revolução anti-imperialista de 1930, sob a liderança do estancieiro de São Borja-RS, Getúlio

Vargas. Logo, a demanda de técnico para trabalhar nas indústrias era elevada, tanto pela ampliação das plantas originais (nos anos setenta a WEG- Jaraguá do Sul-SC cresceu a espetacular taxa de 30% ao ano), como também novas unidades fabris instaladas em todas as regiões do território brasileiro. Cabe lembrar que o Brasil foi nação, entre 1938 e 1980, que protagonizou a segunda maior taxa de crescimento da indústria de transformação no mundo, ficando atrás somente da ex-URSS. Desta forma, o competente e vitorioso projeto nacional-desenvolvimentista construiu um edifício industrial completo no país, criando as bases materiais necessárias e suficientes para promover radicais transformações nas estruturas populacionais, econômicas, sociais e espaciais do Brasil.

A população urbana, que participava com 30% do total do país na década de 1940, alcançou 80% em 1980, o que significou a urbanização de cerca dois milhões e quinhentos mil por ano, em média. E assim, o número de trabalhadores da indústria, do comércio e serviços, ampliaram-se mais e mais, seus contingentes de mão de obra, em detrimento daqueles postos de trabalho pertencentes ao setor primário. Cabe assinalar que tal fenômeno está diretamente relacionado ao aprofundamento da divisão social do trabalho (aumento da produtividade) e sua ação direta na abertura do complexo rural. Assim, a possibilidade de proporcionar rendimentos familiares maiores na cidade explica a decisão das famílias em migrar. E ao mesmo tempo, na medida em que aumentava o exército de trabalhadores assalariado, não só verificava-se o crescimento do mercado consumidor interno, em termos absolutos, como também o incremento relativo na capacidade consumo da cada vez mais numerosa classe média.

‘Quanto à organização do espaço brasileiro, é importante registrar que até o advento da indústria, a espacialização atende as necessidades da economia agroexportadora e se limitava a construir vias de transporte divergentes. Ou seja, seu interesse comercial era com mercado externo. Procurava interligar, com infraestrutura de transporte, a região cativa produtora do interior a uma cidade empório-portuária, localizada numa área protegida próxima ao litoral brasileiro. A atividade industrial imprime, por sua vez, uma nova divisão territorial do trabalho, que passa a ser desenhada no modelo radial-concêntrico. Em outras palavras, as vias de transporte rodoviário convergem na direção do centro dinâmico industrial de São Paulo ao interligá-lo as grandes regiões do país e, assim, além de contribuir substancialmente na ampliação do mercado consumidor interno do país, viabilizou também a criação do mercado nacional de terras.

Já no período da formação acadêmica, a Geografia que eu mais tive apreço foi a geografia física, da área da natureza, pois os meus melhores professores foram nessa área. Tive pouca sorte com professores da área de humanas: o primeiro estava mais interessado na empresa aérea em que trabalhava; a segunda, uma francesa que mal entendia o que ela falava; e, em seguida, um professor que mais brincava com as alunas na sala, do que ministrava aula. Logo, minhas leituras em geografia humana em geral, e mais especificamente em urbana foram por conta própria, quase que autodidatas. Por fim, o professor de geografia agrária se mostrou o mais competente, enquanto que o de geografia industrial, cujo curso resumiu-se a pesquisa no censo demográfico, já que esse professor, no horário de suas aulas, estava mais voltado a cumprir seu expediente em outro emprego.

Paralelamente a minha formação, lecionei em alguns momentos, como também participei como monitor da disciplina de Geologia durante um ano. Minha primeira experiência como docente foi um estágio no SESC e na Academia de Comércio São Marcos, onde lecionei Geografia e OSPB (Organização Social e Política do Brasil). As aulas funcionaram regularmente, pois as disciplinas do curso universitário davam algum suporte para os conteúdos que ministrava em sala.

No início de 1981 ocorreu minha formatura, e partir de então passei a ministrar aulas já como professor habilitado, embora não tivesse gostado muito do resultado final do ano referido. Senti a necessidade de completar minha formação cursando uma Pós-graduação em nível de especialização oferecida pelo Departamento de Geociências da UFSC.

Essa nova experiência na especialização foi um giro de quase 180 graus na minha vida, quando descobri pelos professores da especialização as obras de Marx e Engels, entre outros grandes nomes da Geografia e das ciências humanas em geral. O professor Armen Mamigonian (1935), foi um divisor de águas para transformar completamente minha visão de mundo e do entendimento da Geografia. Armen foi meu orientador, e continua sendo até os dias de hoje.

Quando a especialização transformou-se em mestrado, cursei como aluno especial ou ouvinte várias disciplinas (1985). Foi nesse contexto que eu comecei a ver a Geografia que valia a pena me dedicar, uma Geografia militante, pé no chão, que não ficava em grandes teorizações, embora nunca deixasse de lado as boas. Ao contrário, chamava a atenção para elas, que são muito importantes, mas não ficava só na teoria. Seu foco era aplica-las no estudo da realidade concreta.

Neste contexto, vivenciei um momento muito interessante, a ambição de escrever um livro didático sobre Santa Catarina. Pedimos ajuda ao professor Armen, que não só nos incentivou como também disponibilizou um armário com muitos livros sobre a formação do Estado catarinense. Fizemos um esforço, trabalhamos na elaboração do livro as férias todas e pedimos também orientação para o professor Victor Antônio Peluso Júnior (1909 – 1994). Além dos textos sobre Santa Catarina, no referido armário encontrei inúmeros artigos de autoria do professor Armen sobre industrialização brasileira, urbana, rural, tecnologia etc., que passei a usar com frequência em minhas aulas.

Com a descoberta desses textos, abandonei o livro didático nas aulas que ministrava no ensino fundamental e médio. Assim, passei a utilizar em minhas aulas os resultados de pesquisa dos grandes geógrafos brasileiros tais como Aziz Ab'Saber, Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro, João José Bigarella, Delgado de Carvalho, Milton Santos, Manoel Correa, entre outros. Tive a oportunidade de conhecer a geografia humana e física “tradicional”, muito bem feita.

Do ano de 1984 para 1985, passei em concurso público para professor do Estado de Santa Catarina, e vi a minha chance de me dedicar somente ao ensino. Minha escolha foi o Colégio Frederico Santos, que fica no Município de Paulo Lopes. Fiquei por dois anos trabalhando nessa escola. Depois, no ano de 1988, prestei concurso para professor substituto no IFSC, fui aprovado e ministrei aula durante dois anos. No final de 1989, voltei a prestar concurso na mesma instituição, agora para professor efetivo, fui aprovado e nomeado, exercendo o cargo por oito anos na Unidade Descentralizada no município de São José.

Na escola técnica tive a oportunidade de fazer o mestrado, pois minha situação financeira melhorou. Defendi a dissertação em 1997, e neste mesmo ano comecei a cursar o doutorado na USP, sob a orientação do professor Armen. No ano seguinte, em 1998, abri dois concursos públicos para geografia na UFSC e na UDESC, me inscrevi e fui aprovado nos dois.

Ao ingressar como professor na UFSC estava cursando doutorado e fui contemplado nos últimos dois anos com uma Bolsa PICD para concluir minha tese, sendo ela: “O comércio de múltiplas filiais no Sul do Brasil” defendida em 2002 na USP.

Considerações sobre a crise brasileira

A interpretação da crise brasileira é um tema caro à nossa linha de pesquisa na vida acadêmica, pois nos posicionamos objetivamente, como nosso grande mestre Ignacio Rangel (1914 – 1994), em favor do desenvolvimento nacional. Como não seguimos os dogmas privatistas ou estatistas, as críticas, via de regra, vinham sempre dos dois lados. Pelo lado da esquerda nos acusam de reformistas, e pela direita, suspeitam de nossa abordagem teórico-metodológica, cunhada no marxismo-leninista.

Sempre acreditei que, se quisermos produzir algo de relevante, que tenha compromisso com a verdade, temos que subir nos ombros dos grandes mestres. Por isso mesmo, sempre cultivei apreço pelos ensinamentos desses formidáveis mestres, como Ignacio Rangel, Armen Mamigonian, Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro, João José Bigarella, Milton Santos, Aziz Nacib Ab'Saber, Amaury Porto de Oliveira, entre outros. Para muitos colegas, que sentem na carne a angústia da influência, essas escolhas são motivo de chacota, de dizer que temos religião. Pra mim, é exatamente o contrário, sinto orgulho de cultivar por décadas, a amizade e o contato com os grandes mestres. Para mim, a relação mestre-discípulo é sinônimo daquilo que Hegel chamou de *aufhebung*, a dialética do conservar-superando, próximos, portanto, da ideia do ensino-aprendizagem, um ato eterno de gratidão por aceitar e ser aceito por um grande mestre. Uma vez que, diga-se de passagem, este mestre lhe dispensa algum reconhecimento, embora haja conseqüentemente de forma crítica. Aos meus orientandos, sempre passo esse tipo de visão acadêmica.

Não escondo minha matriz teórica, muito pelo contrário, eu a amplio sempre no meu diálogo com eles. Acredito que essa seja a melhor maneira de continuar aprendendo e ensinando, sempre. É uma tarefa, como disse o poeta Gonzaguinha, de “cantar, e cantar e cantar, a beleza de ser um eterno aprendiz”.

Eu estava nascendo e o Armen estava fazendo sua tese de doutorado, ele veio de uma Geografia de São Paulo e sempre teve muito próximo dos grandes mestres como Pierre Monbeig, Ruellan, Deffontaines, Aziz Ab'Saber, Aroldo de Azevedo, Delgado de Carvalho, Carlos Augusto, gente de alto nível acadêmico. Diferente da minha formação na graduação, pois não tive a oportunidade conhecer e conversar com os grandes mestres. Eu mesmo, na verdade, nem sabia quem eram eles.

Abracei precocemente as ideias de Ignacio Rangel, pois ele faz uma leitura da realidade muito pragmática. Uma visão de mundo que não se contentava em interpretar o funcionamento da sociedade capitalista, mas transformá-la, ou seja, se antecipar aos problemas e apontar as soluções. Rangel trabalhou como técnico na estrutura burocrática do poder governamental e, como intelectual, militou publicando sempre suas ideias. Getúlio Vargas (1882 – 1954), nos anos 50, o chamava de “Boêmio cívico”, pois varava madrugadas elaborando os projetos, as leis, em prol da Nação brasileira. Assim, nessa época, participou ativamente na criação da Eletrobrás, da Petrobrás, entre outras grandes obras do segundo governo nacionalista e democrático de Getúlio Vargas.

Rangel tinha a solução para crise brasileira vivida no início dos anos 1980, e eu, como seu leitor, sabia que o Brasil tinha acumulado as condições necessárias e suficientes para viver um novo milagre econômico. Entretanto, as medidas institucionais para retomada do crescimento econômico careciam de apoio da sociedade civil e política.

Por exemplo, a própria esquerda aprisionada em equívocos e dogmas, não apostou na ideia de privatização proposta por Rangel. A proposta do mestre era uma privatização que fosse boa não só para o capital industrial nacional, mas, sobretudo, para os trabalhadores. Rangel sabia que o Estado tinha perdido a condição de ser o grande condutor de investimentos nacionais. O Estado fez isso de 1930 a 1980 induzindo a burguesia nacional e estrangeira a realizarem seus investimentos naqueles setores carentes de inversões, os denominados nós de estrangulamento. Sua metodologia era oferecer subsídios, juros baixos, isenção de impostos e, sobretudo, política cambial, para a burguesia industrial ajudar galgar os degraus na construção do edifício industrial brasileiro.

A última etapa da industrialização brasileira ocorreu no Governo Geisel, nos anos 1970. Nesta década, havia surgido a OPEP (Organização dos Países Exportadores de Petróleo) e o mercado financeiro mundial foi invadido por petrodólares, onde os bancos passaram a oferecer empréstimos com muita facilidade. O governo brasileiro aproveitou essa oportunidade oferecida pelo capital financeiro internacional, sobretudo americano, e não só implantou a indústria de bens de capital (construção civil, mecânica e química pesadas), como também investiu em grandes obras públicas, como a Usina de Itaipu. O Estado brasileiro se endividou para realizar todas essas construções, porém elas foram cristalizadas no território. Nós temos uma indústria petroquímica pesada, nós temos uma construção civil pesada, tão competente quanto às outras do mundo a fora, concorrendo no mercado

internacional. O estado que foi indutor desses investimentos, chamou para si a responsabilidade de conceder serviços públicos para empresas públicas. O Estado era poder concedente e concessionária, concedendo, por exemplo, à estatal Eletrobrás, a produção energia elétrica.

Mas esse processo, esse modelo, se esgotou, pois o Estado antecipou futuras arrecadações, emitindo títulos da dívida pública, e o mercado as comprava. Mecanismo e engrenagem que funcionou por bastante tempo com a introdução da correção monetária. O Estado, então, perdeu sua capacidade de investimentos, pois ele não conseguia nem pagar os juros da dívida pública desde o começo dos anos 1980, consequência resultante das políticas do governo de Ronald Reagan, que estancou os empréstimos e passou a cobrar severamente a dívida então contraída. É desse modo, que o Estado brasileiro quebrou e recorreu ao FMI, que passou a ditar a política econômica no Brasil. Sem efeito algum, surgem os Planos econômicos neoliberais que irão sendo pautados um a um pelo tripé: combate a inflação, arrocho salarial e recessão econômica. Isso consistia em partir do princípio que existia uma grande sobra de mercadoria no mercado (o tal excesso de demanda) e teríamos que diminuir o ímpeto de consumo. Nada mais absurdo num país com milhões de excluídos e marginalizados.

Estatistas ou privatistas estão com a razão dependendo da conjuntura, pois o Estado é chamado para assumir determinadas atividades econômicas do aparelho produtivo nacional. Em outro degrau do processo de desenvolvimento nacional, o Estado é repellido dessas atividades. Veja o exemplo do serviço público de energia elétrica. No começo o Estado concedeu este serviço a empresas privadas estrangeiras. Ainda nos anos 1950, pela falta de investimento destas empresas, o Estado brasileiro passou a conceder as empresas estatais e hoje, novamente, ela está sendo repellido dessa atividade (endividado) e as concessões à empresa privada é cada vez mais presente e mais urgente.

Normalmente, a esquerda quer a solução para o problema das desigualdades sociais, o que é muito pertinente, mas, via de regra, elege a contradição entre capital e trabalho como a principal, e isso decorre, talvez, pelos dogmas importados do centro do sistema. Isso é válido para os países imperialistas, e não para economia dos países da periferia, pois esses últimos sempre estiveram submetidos à dominação estrangeira. Logo, para as economias periféricas, elegemos como contradição fundamental o problema entre imperialismo financeiro e as economias nacionais periféricas. Fato este, que nos leva a reconhecer que as burguesias

nacionais das economias periféricas são, na verdade, adversária e não inimigas dos trabalhadores. Assim, deve-se sempre conhecer e separar aqueles que são parceiros dos adversários e, principalmente, dos inimigos. Assim, vez por outra, os adversários, estrategicamente numa conjuntura adversa, faz-se necessário um pacto entre as burguesias nacionais e os trabalhadores, com intuito de somar forças para isolar e vencer o inimigo comum, ou seja, países imperialistas detentores do poder financeiro internacional. Essa leitura não é feita em geral, não há uma disposição da esquerda em fazer essa leitura. Por outro lado, com a burguesia, acontece o mesmo. A resultante dos equívocos de ambos os lados emperra os negócios empresariais e, por sua vez, reprime a oferta de novos postos de trabalho.

Ao se ter opinião sobre os rumos da nação, se paga um preço alto diante da confusão que impera em nossa sociedade e, por que não dizer, de nossa universidade.

3. PESQUISA

Durante minha trajetória como pesquisador, realizei diversas atividades de orientação, participei de simpósios, encontros e congressos acadêmicos e fiz publicações em revistas e em anais de eventos dos mais variados focos temáticos. Aqui, apresento de maneira resumida algumas das atividades que considero mais relevantes.

3.1 Orientações

Nestes anos como professor do Departamento de Geociências (GCN), orientei mais de cem trabalhos, dentre eles cerca de sessenta (60) foram de TCC e (40) quarenta de mestrado ou de doutorado. Dentre os trabalhos orientados, destaco aqueles com temática portuária. Meu interesse sobre a questão dos Portos e suas hinterlândias em Santa Catarina, no Brasil e no Mundo apenas cresceu durante o tempo. Momento importante foi quando, em 2011, realizei uma visita de campo, financiada pelo CNPq, aos principais portos da fachada asiática (China, Singapura, etc), onde pude entrar em contato com a dinâmica de movimentação de cargas da região mais importante do mundo quando o assunto são fluxos portuários.

. Dentre estes trabalhos, destaco abaixo:

- A Questão Portuária Nacional (2016), Doutorado - Edson de Moraes Machado;
- Estudo geográfico sobre os terminais de contêineres no Brasil (2016), Doutorado - Elisa Bezerra Cabral
- O sistema portuário do Sul do Brasil e sua hinterlândia produtiva (2016), Mestrado - Mariana de Barros Zeferino
- O Estado do Espírito Santo como plataforma logística: Gênese, evolução e Funcionamento de seu complexo Portuário (2014), Mestrado - Edson de Moraes Machado
- Estudo Geográfico do Porto de Santos (2014), Mestrado - Boaventura Charles Leão de Moura

- Estudo geográfico do porto organizado de São Francisco do Sul e do Terminal de Uso Privativo de Itapoá/SC (2011), Mestrado - Elisa Bezerra Cabral

A linha temática sobre portos foi o foco de dois projetos de pesquisa em que me engajei. O primeiro, “A organização dos principais portos em movimentação no Brasil e no mundo: Das hinterlândia portuárias as relações com a mundialização da economia” de 2011, e o segundo, “A questão Portuária Nacional: Dos sítios Portuários ao seu papel centrais nas relações comerciais”, ambos os projetos financiados e apoiados por instituições de fomento à pesquisa e que proporcionaram a realização de visitas de campo em vários estados brasileiros e países do mundo (Figura 1).

Figura 1 - Navio em Santarém/PA em uma das viagens de campo financiadas pelos projetos de pesquisa supracitados

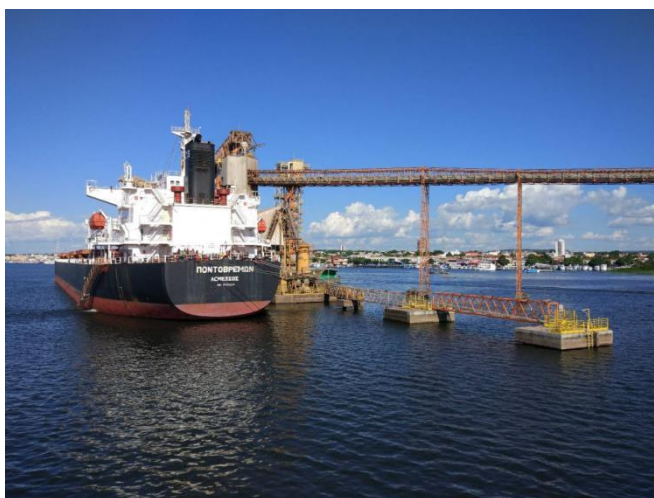


Foto: Arquivo LABEUR

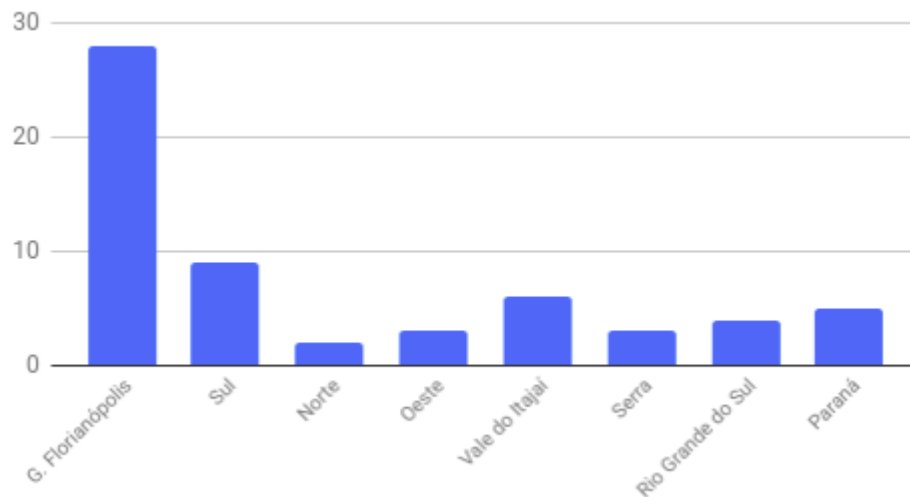
Quando o assunto é recorte espacial, boa parte das minhas orientações foram em sentido de se debruçar sobre o comércio, indústria e infra-estrutura de Santa Catarina, suas regiões, e do Sul do Brasil como um todo. Com este contorno temático, orientei mais de quarenta (40) Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) e quase trinta (30) trabalhos de Especialização, Mestrado ou Doutorado (

Figura 2). Destaco os trabalhos abaixo:

- Formação econômica e socioespacial da porção Norte da Ilha de Santa Catarina - Giseli Ventura de Jesus (2017);
- A dinâmica da rede urbana de Francisco Beltrão - Paraná - Carlos Cassemiro Casaril (2014);
- Desenvolvimento Imobiliário de Joinville - Nilton José Cristofolini (2012);
- Gênese e desenvolvimento dos Municípios da Microrregião de Rio do Sul no Alto Vale do Itajaí-SC - Fábio Macedo de Castro Farias (2012);
- Origem e evolução da atividade industrial no município do Rio Grande no contexto econômico do estado do Rio Grande do Sul - Thiago Farias Amaral (2011);
- Estudo geográfico do porto organizado de São Francisco do Sul e do Terminal de Uso Privativo de Itapoá/SC - Elisa Bezerra Cabral (2011);
- A indústria têxtil de confecção: implicações sócios-espaciais no município de Tubarão-SC - Leonardo Rodrigues Ignácio (2008);
- Inserção econômica das cidades do Alto Vale do Rio do Peixe na rede urbana de Santa Catarina - Leonardo Bez (2008).

Este interesse de entender as formações sócio-espaciais do Estado de Santa Catarina e dos outros estados da Região Sul do Brasil iniciou-se ainda no início de minha trajetória acadêmica, quando, no mestrado, me propus a pesquisar o comércio de múltiplas filiais em Florianópolis e, em seguida, no doutorado, a mesma modalidade de comércio no Sul do Brasil.

Figura 2 - Orientações por região tema de pesquisa (somente Sul do Brasil)



Todavia, muitas foram também as orientações de trabalhos cujo foco eram os demais estados do país. Destaco pesquisas com foco no estado de São Paulo, unidade federativa que tenho certo grau de relação, pois foi onde realizei meu doutorado, como “Estudo Geográfico do Porto de Santos” (Boaventura Charles Leão de Moura), “Transformações sócioespaciais no município de Bragança Paulista-SP” (Marcio Augusto da Silva), “Marcos históricos na evolução da cidade de São Paulo: notas sobre o desenvolvimento comercial” (Ricardo Augusto Masini) e “Notas sobre o processo de industrialização em Indaiatuba - SP” (Nathália Bernardinetti). Destaco ainda o trabalho de Fabiana Araújo Diniz, “Formação econômica e socioespacial do Maranhão e os novos investimentos”, de Edson de Moraes Machado, “O estado do Espírito Santo como plataforma logística nacional: Gênese, evolução e Funcionamento de seu complexo Portuário” e “A modernização econômica de Rezende/RJ, no período neoliberal”, de Patrícia Abade Ferreira, fora do eixo Sul-SP.

Também tive a oportunidade de orientar trabalhos cuja temática buscava compreender a realidade espacial de outros países. Neste sentido, destaco os trabalhos cujo foco foi a China, de Elisa Gomes Prestes, “A evolução econômica e política chinesa pós 1980” e de Adriano Costa Lacerda, “As relações entre a indústria catarinense e a China”. Estas pesquisas cuja China são foco de investigação se relacionam com os trabalhos do Núcleo de Estudo Asiáticos (NEAS), que funciona conjuntamente ao Laboratório de Estudos Urbanos e Regionais (LABEUR), coordenado por mim.

3.2 Publicações

Como professor do Departamento de Geociências da UFSC, tive a oportunidade de realizar algumas publicações em periódicos científicos. Dentre eles, tenho certo apreço pelas publicações realizadas na GeoSul, revista do departamento cujo sou associado, e nos Cadernos Geográficos, periódico publicado desde 1999.

Na Geosul, destaco os artigos publicados abaixo:

- Formação socio-espacial como categoria de análise aos estudos sobre rede urbana: ampliando a discussão teórica - José Messias Bastos, Carlos Cassemiro Casaril (2016);
- O Comércio do Sul do Brasil - José Messias Bastos (1999). (um dos mais citados)

No artigo publicado em parceria com Carlos Cassemiro Casaril, buscamos contribuir com o debate da Formação Sócio-Espacial, proposta por Santos (1977), na análise de uma determinada rede urbana. Aqui, nos propostos a utilizar a categoria para uma investigação em escala regional, como utilizada pelo professor Armen Mamigonian, considerando que a percepção da Formação Sócio-Espacial como um entendimento da totalidade espacial em escala nacional não é um paradigma teórico concretizado.

Já no artigo “O Comércio do Sul do Brasil”, me proponho a analisar a força do capital local do setor comercial do Sul do Brasil frente ao capital paulista e estrangeiro. Este capital, nascido em um ambiente de extrema concorrência típico das formações sócio-espaciais do Brasil Meridional, levou ao surgimento de empreendimentos fortes, modernos e competitivos.

Acerca das contribuições publicadas nos Cadernos Geográficos, destaco:

- A dinâmica atual do setor industrial e suas interações: o caso da Rede Urbana de Francisco Beltrão - Paraná - Carlos Cassemiro Casaril, José Messias Bastos (2015)
- A espacialização da expansão da rede federal de educação profissional, científica, e tecnológica em Santa Catarina - Jesué Graciliano da Silva, José Messias Bastos (2015)
- O comércio eletrônico sob a ótica da geografia econômica - Pedro Eduardo Ribeiro de Toledo, José Messias Bastos, Francine Borges Silva

No trabalho publicado em parceria com Carlos Cassemiro Casaril, lançado no caderno número 33, nos debruçamos no entendimento da dinâmica da rede urbana de Francisco Beltrão, Paraná. O artigo, balizado na tese de doutorado de Casaril (2014), busca compreender “fluxos que formam as interações entre os fixos realizam-se a partir de diferentes níveis, combinações, intensidades e sentidos, formando redes desiguais e simultâneas, efetivadas por diferentes agentes sociais” (CASARIL; BASTOS, 2015, p. 9).

Os artigos publicados em conjunto com Jesué Graciliano Silva e Pedro Eduardo Ribeiro de Toledo e Francine Borges Silva foram publicados no número 34, intitulado “Formação Sócio-Espacial: o que é isto?”. Acerca do primeiro, buscamos avaliar como se deu a espacialização da expansão da Rede Federal em Educação Profissional, Científica e Tecnológica em Santa Catarina no estado, considerando que, desde 2005, o estado foi contemplado com 29 novos campus. Já no segundo trabalho, nosso foco foi analisar o comércio eletrônico pautado na análise geográfica, considerando a tecnologia de informação e as mudanças que ela provocou na relação entre empresas, com foco na análise das recentes transformações no âmbito da mercadoria e a logística espacial da mesma (TOLEDO; BASTOS; SILVA, 2015).

Dentre as publicações realizadas fora do âmbito dessas duas revistas, destaco as produções abaixo:

- Formações sócioespaciais: Progresso técnico no espaço urbano e agrário (Revista da ANPEGE) - Carlos José Espíndola, Tania Maria Fresca, Cesar Augusto Marins, Fernando Santos Sampaio, José Messias Bastos (2016)
- As políticas de planejamento e a valorização da terra: caso de Florianópolis (SC) (Percurso) - Giselli Ventura de Jesus, José Messias Bastos (2015);
- Introdução ao comércio varejista na China (Geografia Econômica) - José Messias Bastos (2007);
- Ignácio Rangel e a crise brasileira (Princípios) - Carlos José Espíndola, José Messias Bastos (2004);
- Transformações recentes no comércio varejista mundial e brasileiro (Revista Ciência Geográfica) - José Messias Bastos, Carlos José Espíndola (2004);

- As recentes transformações nas relações de trabalho no comércio varejista do Sul do Brasil (Revista Eletrônica de Geografia y Ciências Sociales) - José Messias Bastos (2002).

Durante minha carreira como estudante e professor, sempre acreditei que a participação em semanas, congressos, encontros e simpósios fundamentais no campo de discussões da Geografia. Logo, foram muitos os encontros científicos que participei, o que gerou algumas publicações de resumos e trabalhos completos em Anais, aos quais compartilharei aqueles mais importantes aqui.

Primeiramente, chamo atenção aos artigos publicados nos anais dos Seminários Nacionais de Geografia Econômica e Social (SENGES), cujo já tive o prazer de participar da organização duas vezes (2015 e 2019), tendo a UFSC como anfitriã.

Em parceria com alunos de graduação e pós-graduação, participei da produção de três artigos no I SENGES, realizado na Universidade Federal do Alagoas (UFAL) em 2014. São eles:

- Notas sobre Ignácio Rangel e suas relações com a Geografia;
- A dinâmica do setor produtivo da Ampére - Paraná - e sua inserção na rede urbana;
- O estado do Espírito Santo como plataforma logística nacional: Gênese, evolução e funcionamento do seu complexo portuário;

Já no III SENGES, realizado na Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), em Foz do Iguaçu, no ano de 2017, tive participação na elaboração de sete artigos. São eles:

- Renda de Bilro: Relevância histórica como atividade econômica e cultural em Florianópolis/SC;
- A dinâmica sócioespacial do município de São José e suas mudanças a partir da instalação de formas de comércio e moradia;
- O caso dos pequenos produtores do norte da ilha de Santa Catarina e a mercantilização da terra;
- A expansão da rede federal de educação profissional, científica e tecnológica como política pública de inclusão e redução das desigualdades regionais;

- As crises do capitalismo, seus impactos no Brasil e as saídas a partir da perspectiva de Ignácio Rangel;
- O setor elétrico em Santa Catarina e seu papel na formação sócio econômica catarinense;
- Por uma geografia das emoções: o projeto nacional como espetáculo-dirigido.

Também tive artigos publicados em anais em algumas edições do Encontro de Geógrafos da América Latina (EGAL). São elas: X EGAL - São Paulo (2005), XII EGAL - San José/Costa Rica (2011) e XV EGAL - Havana/Cuba (2015). Nestes eventos, contribuí com os seguintes artigos:

- O comércio varejista nos anos 90 (2005);
- O comércio varejista da América Latina (2011);
- O processo de urbanização no litoral e a expansão do turismo na capital catarinense - Florianópolis - Santa Catarina - Brasil (2011);
- A questão portuária brasileira: das hinterlândias portuárias às relações com a mundialização da economia (2015);

No Encontro Nacional de Geógrafos, publiquei nos anais das edições 2000 (Florianópolis/SC), 2006 (Rio Branco/AC) e 2008 (São Paulo/SP). Os artigos foram os seguintes:

- Urbanização, comércio e pequena produção mercantil pesqueira em Florianópolis-SC (2000);
- O comércio de múltiplas filiais em Florianópolis (2006);
- A categoria de formação sócio-espacial e a Geografia Regional (2008);

Outro evento que trago destaque foram os Encontros Nacionais da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia (ENANPEGE), importante evento de discussão da ciência geográfica nacionalmente. Nas edições de 2007, no Rio de Janeiro, e 2009, em Curitiba, participei da elaboração dos artigos “Introdução ao estudo da Geografia do comércio varejista da China”, “O ciclo da madeira e a constituição do espaço urbano de Lages/SC: um estudo de Geografia Econômica”, “A urbanização da região metropolitana de Florianópolis e as inversões imobiliárias” e “Atual cenário econômico na região serrana em Santa Catarina: urbano x industrial”.

Foram muitos outros os eventos que participei como expositor durante minha vida como aluno e professor. Além daqueles que descrevi com mais detalhes, publiquei trabalhos completos nos anais do “VII Seminário Internacional - Teoria Política do Socialismo”, realizado em 2017 na Universidade Estadual Paulista (UNESP), Campus Marília, no “VI Congresso Iberoamericano de Estudios Territoriales y Ambientales”, em 2014 na Universidade de São Paulo (USP), no “II Seminário Nacional de Planejamento de Desenvolvimento”, em 2014 na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), no “VI Congresso Brasileiro de Geógrafos”, em 2004 em Goiânia/GO, no “Congresso de História e Geografia de Santa Catarina”, realizado em 1997, dentre muitos outros.

Acerca de obras em formato de livro, foram diversas participações em publicações, seja como autor, organizador ou editor, da obra completa ou de um capítulo. Enfatizo aqui minha participação como editor na Série “Livros Geográficos” (Figura 3). Esta série, publicada pelo Instituto Ignacio Rangel em parceria com o Departamento de Geociências (GCN), o Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFH) e com a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), já é composta por sete (7) obras de grandes autores da ciência geográfica. São elas:

Volume I - Tempo de Balaio (2008), Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro;

Volume II - A Serra do Mar e Planície Costeira do Paraná (2008), João José Bigarella, Roberto Klein, Jaime Loyola e Everton Passos;

Volume III - Da teoria à prática da Geografia Global (2011), Teresa Cardoso da Silva (Org.);

Volume IV - Santa Catarina (2011), Armen Mamigonian (Org.)

Volume V - Nos Porões da Crise de Energia (2015), Amaury Porto de Oliveira;

Volume VI - O Brasil Meridional (2016), C. M. Delgado de Carvalho;

Volume VII - Milton Santos (2019), Maria Auxiliadora da Silva e Willian Antunes.

Figura 3 - Série "Livros Geográficos", publicada desde 2008

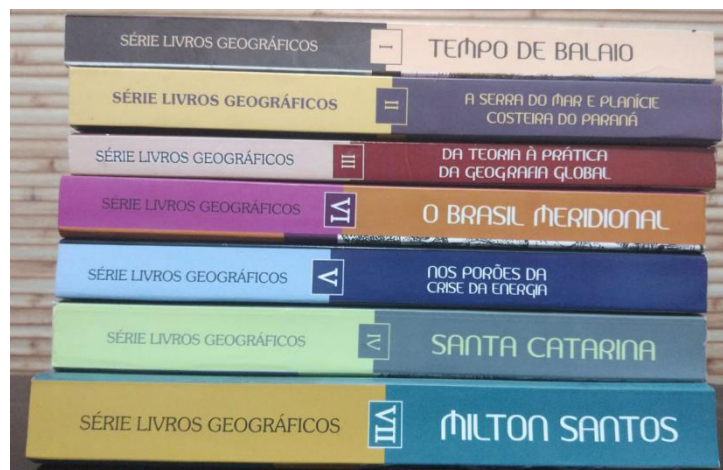


Foto: Arquivo LABEUR

Chamo atenção aqui ao volume IV, de 2011, que tive a oportunidade de escrever o décimo capítulo da obra, intitulado “Dinâmica Socioespacial das Redes de Lojas em Santa Catarina”, onde discorri sobre a atuação do comércio de múltiplas filiais no estado de Santa Catarina, incluindo setores como o supermercadista, o de material de construção e o de móveis e eletrodomésticos. Dentre outras obras em que pude escrever capítulos, sublinho ainda minha participação no tópico sobre comércio no “Atlas ambiental da região de Joinville: complexo hídrico da Baía da Babitonga”, escrito em 2002. Abaixo, listo algumas produções:

- Urbanização, comércio e pequena produção mercantil pesqueira na ilha de Santa Catarina, publicado na obra “Ensaios sobre Santa Catarina”, em 2000;
- Conjuntura econômica e comércio varejista no Sul do Brasil, publicado na obra “Geografia econômica do Brasil: Temas regionais”, em 2002;
- O comércio em Santa Catarina nos últimos 50 anos, publicado na obra “FECESC 50 anos 1952-2002”, em 2003;
- Consideração sobre a Urbanização do Litoral Catarinense, publicado em “As cidades e a Urbanização no Brasil: Passado, presente e futuro”, 2011;
- Rangel e a Geografia: algumas considerações, publicado em “Ignacio Rangel, decifrador do Brasil”, 2014;

Concluo assim os relatos concernentes ao item “Pesquisa” deste memorial acadêmico. Aqui, tentei realizar uma síntese da minha produção científica e política nestas mais de duas

décadas como docente do Departamento de Geociências e como estudante e pesquisador na área da Geografia. Assim, considero pesquisa e política como polos indissociáveis e, por isso, meu trabalho científico é de militância política, assunto que discorrerei com mais calma durante este memorial.

4. ENSINO

Minha vida profissional no ensino de Geografia iniciou-se muito antes de eu entrar para o quadro de professores efetivos da Universidade Federal de Santa Catarina. Antes disto, como licenciado, trabalhei em diversas unidades de ensino, públicas e privadas, frequentando diferentes espaços e conhecendo diferentes realidades educacionais.

Um exemplo bastante marcante foi quando fui professor no Colégio Catarinense, escola particular localizada em uma das áreas mais nobres do município de Florianópolis. Ao mesmo tempo, tive a oportunidade de lecionar na E.E.B. Frederico Santos, localizado no município de Paulo Lopes, pequena cidade de menos de 10.000 habitantes localizada a cerca de 60km de Florianópolis, para onde viajava quase diariamente utilizando ônibus rodoviário. Eram realidades socioeconômicas profundamente distintas e que suscitavam de métodos de ensino distintos.

Mas o município de Paulo Lopes não foi a viagem mais distante que tive que percorrer durante a minha trajetória como professor pré-UFSC. Durante alguns anos, também fui professor na Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL), localizada no município de Tubarão, sul do estado. Duas ou três vezes na semana, realizava um deslocamento diário de 140 km (antigamente ainda percorrível) entre a capital estadual onde residia e a universidade.

Apenas em 1998 comecei a ministrar aulas no Departamento de Geociências da UFSC. Nos semestres 98/2 e 99/1, era professor em três disciplinas no campo da Geografia Humana, duas dentre as quais permanecem até hoje no currículo obrigatório do curso: Geografia Humana, Geografia do Comércio e Serviços e Geografia de Santa Catarina.

A partir do semestre 02/1 voltei a ministrar disciplinas na graduação. Eram duas: Geografia do Comércio e Serviços e Teoria e Método da Geografia. A primeira foi ministrada por mim durante seis (6) semestres seguidos, até 2004/2. Já a segunda foi ministrada por três (3) semestres, até 2003/2.

Em 2006/2 fui professor da disciplina de “Trabalho de Conclusão de Curso”. Retornei a esta disciplina apenas no primeiro semestre de 2008. Todavia, foi em 2007/1 que me estabeleci em uma disciplina, podendo dar a ela mais concretamente minha visão teórica acerca da Geografia. Trata-se de “Fundamentos de Economia Política”, matéria da primeira fase do curso. De 2007/1 até 2017/1, a disciplina foi ministrada continuamente por mim. Foi

sempre um desafio, afinal, tratava-se de uma cadeira ministrada para calouros, que estavam tendo seu primeiro contato com a geografia, ainda incertos se iriam prosseguir no curso.

Ainda, ministro em alguns semestres algumas disciplinas optativas, aquelas que, embora não sejam obrigatórias, contam como horas extras importantes para a conclusão da carga horária do curso. Ministrei a disciplina “Organização do Espaço” nos semestres 2011/1 e 2016/1, e a disciplina “Tópicos Especiais em Geografia Humana”, com foco no pensamento de Ignacio Rangel, no semestre 2017/1.

No Quadro 1 a seguir trago um quadro-resumo das disciplinas ministradas por mim na Graduação:

Quadro 1 - Quadro-Resumo das disciplinas ministradas na Graduação

Disciplina/Semestre	98 /2	99 /1	99 /2	00 /1	00 /2	01 /1	01 /2	02 /1	02 /2	03 /1	03 /2
Geografia Humana	x	x									
Geografia do Comércio e Serviços	x	x						x	x	x	x
Geografia de Santa Catarina	x	x									
Teoria e Método da Geografia								x	x	x	x
Trabalho de Conclusão de Curso											
Fundamentos de Economia Política para Geografia											
Organização do Espaço											
Tópicos Especiais em Geografia Humana											
Disciplina/Semestre	04 /1	04 /2	05 /1	05 /2	06 /1	06 /2	07 /1	07 /2	08 /1	08 /2	09 /1
Geografia Humana											
Geografia do Comércio e Serviços	x	x									
Geografia de Santa Catarina											
Teoria e Método da Geografia											
Trabalho de Conclusão de Curso						x			x		
Fundamentos de Economia Política para Geografia							x	x	x	x	x
Organização do Espaço											
Tópicos Especiais em Geografia Humana											
Disciplina/Semestre	09 /2	10 /1	10 /2	11 /1	11 /2	12 /1	12 /2	13 /1	13 /2	14 /1	14 /2
Geografia Humana											
Geografia do Comércio e Serviços											
Geografia de Santa Catarina											
Teoria e Método da Geografia											
Trabalho de Conclusão de Curso											
Fundamentos de Economia Política para Geografia	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
Organização do Espaço				x							
Tópicos Especiais em Geografia Humana											
Disciplina/Semestre			15 /1	15 /2	16 /1	16 /2	17 /1	17 /2			
Geografia Humana											
Geografia do Comércio e Serviços											
Geografia de Santa Catarina											

Teoria e Método da Geografia						
Trabalho de Conclusão de Curso						
Fundamentos de Economia Política para Geografia	x	x	x	x	x	x
Organização do Espaço			x			
Tópicos Especiais em Geografia Humana					x	

Foram muitas experiências positivas nestes anos ministrando disciplinas na graduação. Dentre elas, destaco as saídas de campo (Figura 4 e Figura 5), que sempre proporcionam uma quebra com a monotonia da sala de aula e auxiliam na aprendizagem. Visitamos nestes anos diversos pontos de Florianópolis e todas as mesorregiões de Santa Catarina, desde cidades portuárias, como Imbituba, até cidades serranas, como Urubici.

Figura 4 - Visita à Biblioteca Prof Osni Régis, na disciplina Organização do Espaço



Foto: Arquivo pessoal

Figura 5 - Campo em ônibus da universidade



Foto: Arquivo pessoal

Fora do estado, destacam-se as visitas realizadas com objetivo de realizar participação em eventos e que contaram com alunos da graduação, pós e colegas professores. Destaco aqui, por exemplo, a ida em 2017, a cidade de Foz do Iguaçu, Paraná (Figura 6), para participar no III Seminário Nacional de Geografia Econômica e Social. Montamos uma caravana com cerca de dez pessoas e seguimos de carro um trajeto de ida pelo interior de Santa Catarina e um de volta pelo interior do Paraná. No trajeto, entramos em contato com diversas realidades sócioespaciais e ambientes naturais. Em 2018, foi a vez do maior dos trajetos: também de carro, com um grupo de quinze (15) alunos atravessamos o estado do Rio Grande do Sul e o Uruguai de carro para participar do congresso “Geografia y Economía”, realizado na cidade de Mar Del Plata (1.920 km de Florianópolis), província de Buenos Aires, Argentina (Figura 7). Durante o trajeto, podemos conhecer as áreas de fronteira entre Brasil e Uruguai na ida (onde pernoitamos em Santana do Livramento) e Brasil-Argentina na volta (pernoite realizado em Uruguaiana).

Figura 6 - Eu e grupo de alunos durante visita de campo a Usina Hidrelétrica de ITAIPU, durante III SENGES



Foto: Arquivo pessoal

Figura 7 - Eu e grupo de alunos durante trajeto de ida a Mar Del Plata em rodovia no interior do Uruguai



Foto: Arquivo Pessoal

Na Pós-Graduação, também tive a oportunidade de ministrar várias disciplinas. Aquela com mais tempo foi a cadeira de “Organização do Espaço”, ministrada entre 2002/1 e 2004/1, depois retornando em 2009/2. Também ministrei “Seminário de Tese” nos semestres 2008/2 e 2009/2, “Tópicos Especiais em DRU” em 2008/1 e 2008/2 e “Seminário de Pesquisa” em 2008/1, 2009/1 e 2010/1.

5. EXTENSÃO

Conforme Lei 9.394 de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação, a educação superior tem como finalidade, dentre outros itens, de

VII - promover a extensão, aberta à participação da população, visando à difusão das conquistas e benefícios resultantes da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica geradas na instituição

Assim, entendo a extensão como pilar fundamental da Universidade Pública. E, durante minha trajetória acadêmico-profissional, tenho buscado aliar atividades de pesquisa e ensino com a extensão acadêmica. Isto me levou a estar engajado na organização de uma série de eventos aberto à comunidade (Figura 8), aos quais destacarei alguns aqui.

Figura 8 - Participação em atividades de extensão, de 2002 a 2016



Dados ajustados às médias trienais móveis. Elaboração própria.

5.1 Atividades de extensão

A primeira atividade deste tipo que resalto é a Semana da Geografia (SEMAGEO). A SEMAGEO é organizada desde 1979 e chegou em sua quadragésima edição em 2019, reunindo pesquisadores, professores da rede pública federal, estadual e municipal, e estudantes para discutir temas relevantes acerca da ciência geográfica (Figura 9).

Particpei na organização da Semana nas edições de 2002, 2008, 2010, 2011, 2015 e 2019. A edição de 2011 (a 32ª) teve como tema “A Geografia e o Mar: A Questão Portuária”, tema muito próximo aos meus interesses, conforme discutido no item **Erro! Fonte de**

referência não encontrada.. Nesta edição, tínhamos entre os objetivos discutir as muitas relações da Geografia com a questão portuária, a gestão de cidades litorâneas e o desenvolvimento socioeconômico.

Figura 9 - Participação em umas das mesas da SEMAGEO



Foto: Arquivo pessoal

Na edição de 2015, a 36ª SEMAGEO ocorreu simultaneamente ao 2º Seminário Nacional de Geografia Econômica e Social (SENGES). Neste ano, o tema foi a crise econômica em curso e seus impactos nas maiores economias do mundo e no Brasil, o modo como a mesma impactou em diversos setores da economia e sociedade e as perspectivas de superação da herança colonial dos países latino-americanos frente ao cenário de recessão global. Neste ano tivemos a honra de receber o Professor Carlos Augusto, da USP (Figura 10).

Figura 10 - Professor Carlos Augusto nos prestigiando na 36ª SEMAGEO



Foto: Comissão Organizadora

Em 2019, voltei a estar a frente de uma Semana de Geografia. A 40ª edição ocorreu simultaneamente com o 4º SENGES. Com o tema “Brasil, Mundo e Regiões: Hoje e Amanhã”, tivemos uma série de palestras, minicursos e mesas acerca da posição do Brasil frente à economia global, sua relação com os demais países emergentes e com o BRICS.

Em diversas outras Semanas também participei como ministrante de minicurso ou como palestrante. Abaixo listo algumas destas participações:

- **23ª SEMAGEO (2002)** - Ministrante do minicurso “As relações entre Brasil e China”;
- **26ª SEMAGEO (2005)** - Coordenador da mesa “O Sul e a Superação da Crise”;
- **27ª SEMAGEO (2006)** - Ministrante do minicurso “O Futuro da América do Sul: Nacionalismo”;
- **28ª SEMAGEO (2007)** - Ministrante do minicurso “Geografia e Crise Brasileira”;
- **29ª SEMAGEO (2008)** - Coordenador da Mesa de Abertura;
- **38ª SEMAGEO (2017)** - Coordenador do minicurso “Estudos de Geografia Econômica e Social”.

Como palestrante, já tive algumas participações em eventos regionais e nacionais. No ano 2000, realizei a palestra “A (des)territorialização no Sul do país”, na 13ª Semana do Geógrafo. Em 2002, tive a honra de ser convidado para realizar duas palestras na Universidade do Estado de Santa Catarina. A primeira ocorreu durante o tradicional Simpósio de Geografia da UDESC (SIMGEO), com tema “Pensando a Geografia Brasileira: Sociedade-Natureza e Ensino-Pesquisa”. Já a segunda, realizada na Faculdade de Educação e Ciências Humanas (FAED) teve como tema “Economia Catarinense e Brasileira”.

Também tive participações como palestrante em duas edições do Encontro de Geografia da UNIOESTE (ENGEO): em 2005, com tema “Agronegócio Brasileiro e Abastecimento” e em 2008, com tema “Urbanização Contemporânea no Sul do Brasil: tendências nacionais”. Ainda no bojo de palestras ministradas em outros estados, destaco ainda aquela ocorrida na UNESP, no ano de 2005, com tema “Comércio e Urbanização de Florianópolis”.

Já como ministrante de minicursos, destaco algumas participações no ENGEO. Em 2008, na 8º edição, ministrei o minicurso “Geografia e Conjuntura”. Este mesmo curso foi dado no 8º SIMGEO da UDESC.

No Encontro Nacional de Geógrafos, ministrei cursos de curta duração nas edições número 12, 14 e 15. Na 12ª edição, o curso intitulou-se “Reestruturação comercial e industrial no Brasil”. Na de número 14, “Organização do espaço e projeto nacional”. Por fim, na 15ª edição, foram dois minicursos: “Formações Econômica de Santa Catarina: gênese e desenvolvimento” e “A categoria de formação sócio-espacial e a geografia regional”.

Ademais, ainda enfatizo as participações abaixo:

- “A crise brasileira” - II Semana de Integração do CFH;
- “Dinâmica Econômica e Novos Espaços Urbanos” - I Simpósio de Geografia;
- “Indústria e Comércio na Região Sul” - I Encontro Regional de Estudantes de Geografia da Região Sul;
- “Cenário Político-Econômico Mundial - Mercosul, União Europeia e NAFTA” - V Seminário de Atualidade UNISUL.

Como coordenador, foram muitas outras as ações de extensão. Em 2016 houve a aprovação de um projeto sobre a Renda de Bilro (Figura 11), importante patrimônio cultural de Florianópolis, intitulado “A cultura da Renda de Bilro em Florianópolis: resgate histórico-geográfico”. A partir dele, foi publicado um artigo na revista Percursos em parceria com o doutorando Edson de Moraes Machado e a acadêmica Karine Domingos. O artigo, “A formação socioespacial de Florianópolis e a atividade artesanal da renda de bilros”, publicado em 2018, buscava

contemplar as múltiplas determinações de ordem natural, social, econômica e cultural, responsáveis pela singularidade dessa formação regional e que serão de fundamental importância para o desenvolvimento e a permanência de uma das mais tradicionais atividades artesanais da região, a renda de bilros (BASTOS; MACHADO; DOMINGOS, 2018, p. 289).

Figura 11 - Renda de Bilros, importante elemento cultural de Florianópolis/SC



Foto: Domínio Público

Também em 2016 atuei como coordenador da palestra “Relatos de viagem: Nordeste brasileiro” (Figura 12), ministrada nas dependências do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFSC pelo Prof^o Armen Mamigonian, que contou com a presença de alunos e professores do departamento.

Figura 12 - Prof^o Armen Mamigonian durante explanação sobre o Nordeste Brasileiro



Foto: Arquivo LABEUR

Além de temas típicos da linha econômica da Geografia, também atuei na organização de minicursos sobre áreas afins mas que, de alguma maneira, contribuem com o entendimento da Geografia Humana. Posso citar aqui, por exemplo, o minicurso “Estatística Aplicada a Geografia”, ministrado por Jesué Graciliano da Silva em 2016 (Figura 13) e as oficinas “O Mar e o Mercado de Trabalho Formal no Brasil - Uma análise a partir do Banco de Dados RAIS” (2011), “V Oficina de Treinamento para a Utilização do Banco de dados do Sistema RAIS” (2011), “Geologia Costeira e interferências Antrópicas na Ilha de Santa

Catarina” (2011), “Mapeamento de Sensibilidade ao óleo e ações de resposta: Introdução ao tema” (2011), “Aplicação do programa Surfer 8 na espacialização terrestre e marinha” (2011), entre outros.

Figura 13 - Minicurso "Estatística Aplicada a Geografia”



Foto: Arquivo LABEUR

5.2 Cargos administrativos

Minhas atividades extra sala não se deram apenas organizando, coordenando ou participando de eventos e cursos. Também, em diversos momentos durante minha trajetória, ocupei posições administrativas no Departamento de Geociências.

Já fui chefe do departamento em duas oportunidades: no biênio 2004-2005, conforme Portaria nº617/GR/2004, e no biênio 2006-2007, conforme Portaria nº815/GR/2006. Além disso, ocupei a posição de coordenador de curso durante os anos de 2017 e 2019, conforme Portaria nº2153/2017/GR, e de coordenador do Laboratório de Estudos Urbanos e Regionais, a partir de 2016 (Portaria nº117/2016/CFH).

No âmbito do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGG), destaco minha participação na comissão de bolsas nos anos de 2004, 2005-2008 e 2010 (Portarias Nº 8/CPPGG/2004 e Nº 2/PPGG/2010), na comissão para rever o processo de seleção para o mestrado de 2007 (Portaria nº09/CPPGG/2006), e na Banca Examinadora para os cursos de mestrado (2009, 2010 e 2011) e doutorado (2007), além da minha representação no colegiado delegado do PPGG entre 2016 e 2018.

Também fui avaliador de estágio probatório de alguns colegas, como Roberto Sacks de Campos (Portaria nº 105/GCN/2014), Carlos Antonio Oliveira Vieira, Marinez Eymael Garcia Scherer e Márcio Rogério Silveira. Participei ainda de comissões de avaliar algumas progressões de carreira, dentre as quais:

- Prof^a Marinez Eymael Garcia Scherer - Adjunto II para Adjunto III (Portaria nº100/GCN/2014);
- Prof^o Marcos Eduardo Rocha Lima - Assistente IV para Adjunto I;
- Prof^o Marcos Aurélio da Silva - Assistente I para Assistente II;
- Prof^o Prof Maria Lucia de Paula Herrmann - Adjunto III para Adjunto IV.

Fui integrante das bancas examinadoras dos concursos públicos 001/2007 e 004/2003, ambos na Área Geografia Humana.

Sobre o Planejamento e Acompanhamento de Atividades Docentes (PAAD), também ressalto que fui membro ou presidente de comissão para analisar e emitir parecer quanto ao mesmo nos anos de 2008, 2009, 2015 e 2016, conforme portarias nº 110/GCN/2008, nº 110/GCN/2008, nº 048/GCN/2008, nº138/GCN/2014, nº023/GCN/2016 e nº024/GCN/2016.

Ademais, listo minhas atividades administrativas abaixo:

- Comissão para Avaliação das Propostas de Credenciamento/recredenciamento do PPGG - UFSC. 2014. Universidade Federal de Santa Catarina - ARAÚJO JUNIOR, A. M.; BASTOS, José Messias; DIAS, Leila Christina D.; OLIVEIRA, Marcelo A. T.; SCHERER, M. E.G. Portaria nº74/PPGG/2014.
- Componente de Comissão de elaboração de proposta de projeto político pedagógico para o curso de graduação em Geografia
- Membro avaliador de produção intelectual da revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, ISSN 1678-3484. Agosto de 2017.
- Membro de comissão para realizar um parecer sobre o Plano Departamental da Geociências (Processo: 23080.079438/2016-4).
- Parecerista II SENGES Seminário de Geografia Econômica e Social e XXXVI SEMAGEO Semana de Geografia - UFSC. Universidade Federal de Santa Catarina. Período de 08 de dezembro a 11 de dezembro de 2015.

- Participante de Banca de Avaliação para Progressão de Professor Associado, Área de Conhecimento: Educação. Portaria 050/2008.
- Participante de Banca Examinadora do concurso de cargos da Carreira do Magistério Superior para o Quadro Permanente da UFFS, no campo de conhecimento Geografia: História do Pensamento Geográfico, Geografia Física e Geografia Geral. 2009.
- Participante de Comissão que atualizará dados referentes ao Plano departamental de Capacitação Docente para o período 1999-2002 e Planejamento Institucional do Departamento de Geociências para 1999
- Participante do Núcleo Docente Estruturante do Curso de Graduação em Geografia. 2015. Universidade Federal de Santa Catarina. Portaria n° 125/ 2015/CFH.
- Presidente da comissão para análise do Processo Seletivo 2016 - Desenvolvimento Regional e Urbano. 2015. Universidade Federal de Santa Catarina. Portaria n°89/GCN/2015.
- Presidente da comissão para Preencher o Formulário de Renovação de Professor Substituto do servidor(a) Elisa Gomes Prestes para o semestre de 2018/1 no Departamento de Geociências. Portaria n°024/GCN/2017.
- Presidente de Comissão para analisar e emitir parecer referente a Solicitação de Afastamento para realização de Estágio Pós-Doctor. 2009. Portaria n°040/GCN/2009
- Presidente de Comissão para analisar, proceder a contagem de pontos e emitir parecer sobre o Processo Seletivo Simplificado para a Contratação de Professor Substituto. Área de conhecimento: Geografia Humana. Portaria 50/GCN/2007
- Presidente de Comissão para proceder concurso simplificado para contratação de Professor Substituto, para uma vaga e regime de trabalho de 20 (vinte) horas. 2009.

6. MILITÂNCIA POLÍTICA: uma extensão da academia

Como já discorri neste memorial, acredito que pesquisa e política são indissociáveis. Logo, minha atuação como professor e pesquisador é também uma atuação como um ser político, crítico e preocupado com a transformação da realidade nacional. Logo, posso citar várias das minhas contribuições dentro da academia que tem seu forte viés político, especialmente no que concerne à superação do asco colonial sobre o Brasil e América Latina.

Foi por este motivo que durante minha trajetória me aproximei do pensamento do economista Ignacio Rangel. Dentre suas inúmeras contribuições para a ciência geográfica, ressalto a noção da dualidade básica. Conforme o autor, as transformações no Brasil são realizadas através da ação de duas classes sociais dominantes: uma hegemônica, já em processo de enfraquecimento, e uma subalterna, porém dinâmica economicamente (MAMIGONIAN, 1987). A cada aliança entre estas duas classes, temos uma dualidade, determinada pelas relações de produção e forças produtivas internas e das relações das mesmas com o centro do sistema capitalista (formando combinações de modos de produção).

Na Primeira Dualidade (1822-1888), o pacto de poder era estabelecido entre Senhores de Escravos como sócios hegemônicos e os comerciantes import/export como sócios minoritários. Na Segunda Dualidade (1889-1930), os latifundiários feudais (ex-escravistas) passaram a ser sócios subalternos, enquanto os comerciantes import/export tomaram a dianteira como hegemônicos no pacto de poder. Enfim, na Terceira Dualidade (1930-1985), uma dissidência dos comerciantes se transforma em industrialistas e passam a compor o pacto de poder tendo como sócios majoritários os latifundiários feudais. É o período onde ocorre a expansão do mercado interno e o processo de substituição de importações industriais. Na Quarta Dualidade (1985-...) a Burguesia Industrial assume a hegemonia atraindo o empresariado rural como sócio minoritário.

Outra contribuição de Rangel que destaco foi a incorporação da ideia de que as dualidades da formação social brasileira são influenciadas pelos ciclos longos que ocorriam na economia global. Esta noção de ciclos longos foi criada pelo economista russo Nikolai Kondratiev e propunha que a economia global era regida por ciclos compostos por uma fase ascendente (fase “a”) e uma fase recessiva (fase “b”). Nas fases “a” do ciclo seriam colocadas

em prática na economia as invenções tecnológicas criadas na fase recessiva, o que elevaria a produtividade do trabalho. Aos poucos, esta invenção ia sendo incorporada por mais setores da economia, o que ocasionaria superprodução e baixa lucratividade, iniciando uma nova fase “b”.

Aqui, claro, me limito a trazer apenas alguns pontos deste ilustríssimo economista, embora não seja um trabalho simples sintetizar sua obra em alguns parágrafos. Balizado nestas ideias que, em 2014, durante o I Seminário Nacional de Geografia Econômica e Social (I SENGES), publiquei o artigo “Notas sobre Ignácio Rangel e suas relações com a Geografia” e, no mesmo ano, durante o VI Congresso Iberoamericano de Estudios Territoriales y Ambientales, publiquei o artigo “Ignácio Rangel: Intérprete do Brasil”. Ainda, apenas para citar mais um exemplo, durante o III SENGES, em 2017, o artigo “As crises do capitalismo, seus impactos no Brasil e as saídas a partir da perspectiva de Ignacio Rangel” foi publicado por mim nos anais do evento.

No campo do ensino, também tenho Rangel como um pilar fundamental. Além de já ter ministrado a disciplina “Tópicos Especiais em Geografia Humana” com foco no pensamento de Ignacio Rangel, na disciplina obrigatória que ministro, “Fundamentos de Economia Política”, as obras do economista constam na bibliografia básica. Dentre as produções, destaco “Dualidade Básica da Economia Brasileira” (1957)”, “Economia: Milagre e Anti-Milagre” (1985) e “A Inflação Brasileira” (1963).

Como extensão, diversas mesas, cursos de curta duração, palestras e oficinas tem a temática do Brasil e sua relação com o centro do sistema como foco, perpassando sempre o pensamento rangeliano. Posso citar aqui “A Crise Brasileira”, minicurso ministrado na II Semana de Integração do CFH, em 2006, e “Estudos de Geografia Econômica e Social”, grupo de minicursos ministrados na 38ª Semana da Geografia da UFSC.

Assim, entendo que tenho conseguido inserir a militância política como prática acadêmica, tanto na pesquisa, quanto no ensino e extensão. Afinal, trata-se de Geografia pensar o mundo e suas mudanças, seus conflitos e suas contradições - tentando continuamente transformá-lo.

7. REFERÊNCIAS

BASTOS, José Messias; MACHADO, Edson de Moraes; DOMINGOS, Karine. A formação socioespacial de Florianópolis e a atividade artesanal da renda de bilros. **Revista PerCursos**, Florianópolis, v. 19, n.41, p. 289 - 307, set./dez. 2018.

BRASIL. Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Brasília, DF.

CASARIL, Carlos Cassemiro. **A dinâmica da rede urbana de Francisco Beltrão-Paraná**. 2014. 1 v. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Florianópolis, 2014. Disponível em: <<http://www.bu.ufsc.br/teses/PGCN0537-T.pdf>>

CASARIL, Carlos Cassemiro; BASTOS, José Messias. A dinâmica atual do setor industrial e suas interações: o caso da Rede Urbana de Francisco Beltrão – Paraná. **Cadernos Geográficos**, Florianópolis, n. 33, p.1-67, jul. 2015

MAMIGONIAN, A. Introdução ao pensamento de Ignacio Rangel. Geosul, Florianopolis, v. 2 , n. 3 , p. 63-71, 1987.

SILVA, F. B. ; TOLEDO, P. E. R. . O Comércio Eletrônico sob a ótica da Geografia Econômica. **Cadernos Geográficos**, Florianópolis, n. 34, p. 164-191, 2015.

ANEXOS

Artigos completos publicados em periódicos

BASTOS, José Messias; RAMOS, João V. A geopolítica da mídia no Brasil e no Mundo. **Revista Terra Livre**, v. 1, p. 34-64, 2019.

MACHADO, Edson de Moraes; BASTOS, José Messias; DOMINGOS, K. A formação socioespacial de Florianópolis e a atividade artesanal da Renda de Bilro. **Revista PerCursos**, v. 20, p. 177-205-177, 2019.

ESPINDOLA, Carlos José; FRESCA, Tânia Maria; MARTINS, Cesar Augusto; SAMPAIO, Fernando Santos; BASTOS, José Messias. Formações socio-espaciais: Progresso técnico no espaço urbano e agrário. **Revista da ANPEGE**, v. 12, p. 137-161, 2016.

BASTOS, José Messias; CASARIL, Carlos. Formação socio-espacial como categoria de análise aos estudos sobre rede urbana: ampliando a discussão teórica. **Geosul (UFSC)**, v. 31, p. 271-298, 2016.

BASTOS, José Messias; CASARIL, Carlos. A dinâmica atual do setor industrial e suas interações: o caso da Rede Urbana de Francisco Beltrão - Paraná. **Cadernos Geográficos (UFSC)**, v. 33, p. 14-68, 2015.

BASTOS, José Messias; TOLEDO, Pedro E. R. ; SILVA, F. B. O comércio eletrônico sob a ótica da geografia econômica. **Cadernos Geográficos (UFSC)**, v. 34, p. 164-191, 2015.

BASTOS, José Messias; SILVA, J. G. A espacialização da expansão da rede federal de educação profissional, científica, e tecnológica em Santa Catarina. **Cadernos Geográficos (UFSC)**, v. 34, p. 407-429, 2015.

DE JESUS, Giselli Ventura; BASTOS, José Messias. As políticas de planejamento e a valorização da terra: caso de Florianópolis (SC). **Revista PerCursos**, v. 16, p. 185-202, 2015.

BASTOS, José Messias. Introdução ao comércio varejista na China. **Geografia Econômica (Florianópolis)**, v. 1, p. 86-99, 2007.

BASTOS, José Messias; ESPÍNDOLA, Carlos José. Ignácio Rangel e a crise brasileira. **Princípios (UFRN)**, n.76, p. 72-77, 2004.

BASTOS, José Messias. Transformações recentes no comércio varejista mundial e brasileiro. **Ciência Geográfica**, v. 10, p. 112-116, 2004.

BASTOS, José Messias. As recentes transformações nas relações de trabalho no comércio varejista do Sul do Brasil. **Revista Eletrônica de Geografia y Ciências Sociales**, Barcelona, p. 98, 2002.

BASTOS, José Messias. O comércio no Sul do Brasil. **Revista Geosul (UFSC)**, Florianópolis, v. 14, n.28, p. 112-124, 1999.

Editor de Livro Geográfico e de Cadernos Geográficos

OLIVEIRA, A. P.- **Nos Porões da Crise da Energia** (os comentários de Rotterdam). 1. ed. Florianópolis: Imprensa Universitária UFSC, 2015. 423p .

COELHO, A. A. ; BASTOS, José Messias . **Um Estudo Geográfico Do Transporte Aereo No Brasil**. 1. ed. Florianópolis: Novas Edicoes Academicas, 2014. v. 1. 184p.

CAMPOS, Nazareno José de. **Cadernos Geográficos** - Litoral Catarinense: o coletivo e o individual entre a população de origem açoriana. Florianópolis: 2011.

SOUZA, Joel José de. **Cadernos Geográficos** - A Industria de Laticínios na Região Sul do Brasil: O caso do Oeste Catarinense. Florianópolis: 2011.

FICI, Ricardo. **Cadernos Geográficos** - As ferrovias basileiras e a expansão recente para o Centro-Oeste. , 2011.

CORREA, Domingos S. **Cadernos Geográficos** - A geografia das fusões e aquisições de empresas no Brasil. Florianópolis: 2011.

EMERIQUE, Lucas Possedente . **Cadernos Geográficos** - A produção de maçãs no Sul do Brasil. Florianópolis: 2011.

GONÇALVES, José S. **Cadernos Geográficos** - Do mar de café ao mar de cana ou ainda um mar de braquiária, 2011.

CRUZ, Karina M. **Cadernos Geográficos** - A contribuição de alemães para formação socio-espacial catarinense: o caso da Grande Florianópolis, 2011.

PELLERIN, Joel R. G. M. **Cadernos Geográficos** - Contribuição ao estudo de parques: parque estadual da Serra do Tabuleiro e o parque nacional de São Joaquim, 2011.

MARTINS, Cesar A. **Cadernos Geográficos** - O território nacional na análise da atividade pesqueira, 2011.

HORN FILHO, Norberto Olmiro (Org.) . **Cadernos Geográficos** - Roteiros Geológico-Oceanográficos costeiros ao longo da Ilha de Santa Catarina, Santa Catarina, Brasil, 2011.

MAMIGONIAN, Armen. **Geografia Econômica** - Anais de Geografia Econômica e Social (Brasil: questões regionais e nacionais). , 2011.

BASTOS, José Messias. **Cadernos Geográficos** - Levantamento socioeconômico com foco no saneamento do bairro Ilhota em Itapema, Santa Catarina (NeAMB), 2011.

MAMIGONIAN, Armen (Org.) ; ESPÍNDOLA, Carlos José (Org.) ; NAPOLEÃO, Fabio (Org.); BASTOS, José Messias (Org.); et al. **Santa Catarina: Estudos de Geografia Econômica e Social**. 1. ed. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2011. v. 4. 474p .

SILVA, T. C. (Org.). **Da teoria á prática da Geografia Global**. 1. ed. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2011. v. 3. 294p .

BASTOS, José Messias; MAMIGONIAN, Armen (Org.). **Geografia Econômica** - Anais de Geografia Econômica e Social: Transformações Regionais no Brasil. Florianópolis: Imprensa do Departamento de Geociências, 2009. v. 1. 393p .

BIGARELLA, João J. (Org.); MENDONÇA, Magaly (Org.) ; HERMANN, Maria Lúcia de Paula (Org.) . **A Serra do Mar e a Planície Costeira do Paraná**. Florianópolis: Imprensa no Departamento de Geociências, 2009. v. 1. 387p .

MONTEIRO, Carlos A. F. (Org.) . **Tempo de Balaio**. Florianópolis: Departamento de Geociências, 2009. v. 1. 338p .

MAMIGONIAN, Armen (Org.) ; BASTOS, José Messias (Org.). **Geografia Econômica** - Anais de Geografia Econômica e Social: Dossiê Ásia / China I. Florianópolis: Imprensa do Departamento de Geociências, 2008. 245p .

ARAÚJO JUNIOR, A. M. **Caderno Geográfico** - A importância e a dinâmica da indústria de bens de capital para o desenvolvimento econômico brasileiro. Florianópolis: Imprensa do Departamento de Geociências, 2007. 100p .

JABBOUR, E. **Cadernos Geográficos** - China: Desenvolvimento e Socialismo de mercado. Florianópolis: Editora Departamento de Geociências, 2006.

SILVA, Marcos Aurélio da. **Cadernos Geográficos** - O processo de industrialização no sul do Brasil. Florianópolis: Editora do Departamento de Geociências, 2006.

OLIVEIRA, A. P. **Caderno Geográfico** - Formação de uma economia regional no leste asiático. Florianópolis: Imprensa do Departamento de Geociências, 2006. 42p .

AB'SABER, A. N. **Caderno Geográfico** - FLORAM: Potencialidades de florestas sociais para revalorização dos espaços agrícolas disponíveis. Florianópolis: Imprensa do Departamento de Geociências, 2006. 81p .

HOLLANDA FILHO, S. B. **Cadernos Geográficos** - Organização Mundial do Comércio. Florianópolis: , 2005. v. 1.

BASTOS, José Messias; ESPÍNDOLA, Carlos José . **Cadernos Geográficos** - Reestruturação Agroindustrial e Comercial no Brasil. Florianópolis: Imprensa Universitária - EDUFSC, 2005. v. 1. 86p .

MEDEIROS, Marlon Clóvis (Org.) ; SAMPAIO, Fernando (Org.) . **Caderno Geográfico** - Dinâmica Capitalista na Agricultura Brasileira: acumulação e relações de trabalho. Florianópolis: EDUFSC, 2005. v. 1. 78p .

SUERTEGARAY, D. **Cadernos Geográficos** - Notas sobre Epistemologia da Geografia. Florianópolis: EDUFSC, 2005. v. 01. 63p .

SANTANA, João Lima. **Cadernos Geográficos** - História da Climatologia no Brasil. Florianópolis: Editora da UFSC, 2004. 125p .

MONTEIRO, Carlos A. F. **Cadernos Geográficos** - A Questão Ambiental na Geografia do Brasil. 1. ed. Florianópolis: Imprensa Universitária da UFSC, 2003. 48p .

MAMIGONIAN, Armen. **Cadernos Geográficos** - A Escola Francesa de Geografia e o papel de A. Cholley. Florianópolis: Imprensa Universitária da UFSC, 2003. v. 1. 44p .

CONTI, José B. **Cadernos Geográficos** - As Relações Sociedade/Natureza e os Impactos da Desertificação nos Trópicos. Florianópolis: Imprensa Universitária da UFSC, 2002. 42p .

BIGARELLA, João J. **Cadernos Geográficos** - Temas de Geologia Marinha. Florianópolis: Imprensa Universitária da UFSC, 2000. 81p .

MAMIGONIAN, Armen. **Cadernos Geográficos** - Teorias sobre a Industrialização Brasileira. , 2000.

MONTEIRO, Carlos A. F. **Cadernos Geográficos** - O Estudo Geográfico do Clima. 2. ed. Florianópolis: Imprensa Universitaria da UFSC, 1999. 72p .

Capítulos de livro publicados

ERICEIRA, J. B. ; TRIBUZI, B.; BASTOS, José Messias; et al. Rangel e a Geografia: algumas considerações. In: HOLANDA, Felipe Macedo de; ALMEIDA, Jhonatan de; PAULA, Ricardo Zimbrão. (Org.). **Ignacio Rangel, decifrador do Brasil**. 1ed. São Luís: Edufma, 2014, v. 1, p. 292-305.

BASTOS, José Messias. Dinâmica Socioespacial das Redes de Lojas em Santa Catarina. In: MAMIGONIAN, Armen; ESPÍNDOLA, Carlos José; FONTES, Raquel Maria (Org.); *et al.* **Santa Catarina: Estudos de Geografia econômica e social**. 1ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2011, v. , p. 419-442.

CORREA, R. L. Souza. Marcelo Lopes, BASTOS, José Messias, *et al.* ; Consideração sobre a Urbanização do Litoral Catarinense. In: PEREIRA, Elson Manoel; DIAS, Leila Christina Duarte (Org.). **As cidades e a Urbanização no Brasil: Passado Presente e futuro**. 1ed. Florianópolis: Editora Insular LTDA, 2011, v. 1, p. 269-276.

BASTOS, José Messias. **O comércio em Santa Catarina nos últimos 50 anos**. FECESC 50 anos 1952-2002. Florianópolis: FECESC, 2003.

BASTOS, José Messias. Conjuntura econômica e comércio varejista no Sul do Brasil. In: **Geografia econômica do Brasil: Temas regionais**. Presidente Prudente: FCT, 2002, v. 1, p. 97-114.

BASTOS, José Messias. Comércio. In: FATMA. (Org.). **Atlas ambiental da região de Joinville: complexo hídrico da Baía da Babitonga**. Florianópolis: FATMA/GTZ, 2002, v. 1, p.61-62

BASTOS, José Messias. Urbanização, comércio e pequena produção mercantil pesqueira na ilha de Santa Catarina. In: **Ensaio sobre Santa Catarina**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2000.

Trabalhos publicados em anais de eventos

BASTOS, José Messias; RAMOS, João Victor. O estudo da paisagem na integração do território nacional. In: XVIII Simpósio de Geografia - SIMGEO, 2018, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: UDESC, 2018.

JESUS, F. S.; BASTOS, José Messias. A navegação na Bacia Amazônica como articuladora do desenvolvimento econômico do norte brasileiro. In: III Congreso Geografía y Economía, 2018, Mar del Plata. **Anais...** Mar Del Plata, 2018. p. 60-67.

COELHO, J. V. S. ; BASTOS, José Messias. América Latina: desenvolvimento e integração sob protagonismo brasileiro. In: III Congreso Geografía y Economía, 2018, Mar del Plata. **Anais...** Mar Del Plata, 2018. p. 20-28.

BASTOS, JOSÉ MESSIAS; JESUS, Giselli V. ; ROCHA, Isa de Oliveira . O fortalecimento da rota tecnológica: o caso da Ilha de SC. In: III Congreso Geografía y Economía, 2018, Mar del Plata. **Anais...** Mar Del Plata, 2018. p. 83-92.

BASTOS, José Messias; MACHADO, Edson de Moraes ; DOMINGOS, K. . Renda de Bilro: Relevância histórica como atividade econômica e cultural em Florianópolis/SC. In: III Seminário Nacional de Geografia Econômica e Social, 2017, Foz do Iguaçu/PR. **Anais...** Foz do Iguaçu, UNILA: v. 1. p. 233-244.

BASTOS, José Messias; JESUS, Giselli V. O caso dos pequenos produtores do norte da ilha de Santa Catarina e a mercantilização da terra. In: III Seminário Nacional de Geografia Econômica e Social, 2017, Foz do Iguaçu/PR. **Anais...** Foz do Iguaçu, UNILA: v. 1. p. 116-132.

BASTOS, José Messias; RAMOS, João V. Por uma geografia das emoções: o projeto nacional como espetáculo-dirigido. In: III Seminário Nacional de Geografia Econômica e Social, 2017, Foz do Iguaçu/PR. **Anais...** Foz do Iguaçu/PR.

BASTOS, José Messias; RAMOS, João V. Geografia e marxismo - A escola de Ignácio Rangel. In: VII Seminário Internacional - Teoria Política do Socialismo - Revolução Russa: 100 anos que abalaram o mundo 'A Transição como Atualidade Histórica', 2017, Marília, SP. **Anais...** UNESP: Marília, SP.

BASTOS, José Messias; MACHADO, E. M.. A questão Portuária Brasileira: das Hinterlândias Portuárias as relações com a mundialização da Economia. In: XV Encontro de Geógrafos da América Latina, 2015, Havana. **Anais XV- EGAL:** Cuba, 2015. v. 1. p. 1270-1285.

BASTOS, José Messias; FERREIRA, L. S. Ignácio Rangel: Intérprete do Brasil. In: VI Congresso Iberoamericano de Estudios Territoriales y Ambientales, 2014, São Paulo. **Anais...** VI CIETA, 2014. v. 1.

BASTOS, José Messias. Notas sobre Ignácio Rangel e suas relações com a Geografia. In: I SENGES - Seminário Nacional de Geografia Econômica e Social, 2014, Maceió - AL. **Anais...** Maceió/AL, 2014.

BASTOS, José Messias; CASARIL, Carlos. A Dinâmica do setor produtivo da Ampére - Paraná - e sua inserção na rede urbana. In: I SENGES - Seminário Nacional de Geografia Econômica e Social, 2014. **Anais...** Maceió/AL, 2014.

BASTOS, José Messias; MACHADO, E. M. . O estado do Espírito Santo como plataforma logística nacional: Gênese, evolução e Funcionamento de seu complexo Portuário. In: I SENGES - Seminário Nacional de Geografia Econômica e Social, 2014. **Anais...** Maceió/AL, 2014.

BASTOS, José Messias; JESUS, Giselli V. As políticas de planejamento e a valorização da terra: caso de Florianópolis (SC). In: 2º Seminário Nacional de Planejamento e Desenvolvimento, 2014, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis/SC, 2014.

BASTOS, José Messias. Introdução ao estudo da Geografia do comércio varejista da China. In: VII Encontro Nacional da ANPEGE, 2007, Niterói. **Anais...** Rio de Janeiro, 2007.

BASTOS, José Messias. O comércio de múltiplas filiais em Florianópolis. In: Aspectos da geoeconomia urbana de Santa Catarina a partir dos anos 90, 2006, Rio Branco. **Anais do XIV Encontro Nacional de Geógrafos**, 2006.

BASTOS, José Messias. Desenvolvimento Recente das agroindústrias no Brasil. In: VI Congresso Brasileiro de Geógrafos, 2004, Goiânia. VI Congresso Brasileiro de Geógrafos - **Anais**, 2004. v. 1.

BASTOS, José Messias. O Comércio em Santa Catarina nos últimos 50 anos.. In: I Encontro Sul Brasileiro de Geografia, 2003, Curitiba. **Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros**. Curitiba: AGB, 2003. v. 2.

BASTOS, José Messias. Estrutura financeira dos estabelecimentos comerciais da região metropolitana de Florianópolis. In: Congresso de História e Geografia de Santa Catarina, 1997, Florianópolis. Instituto Histórico de Santa Catarina. **Anais...** Florianópolis: CAPES/MEC, 1997. v. 1. p. 500-507.

BASTOS, José Messias; RAMOS, João V. ; MACHADO, Edson de Moraes. Geografia e planejamento: o nordeste seco e a transposição do rio São Francisco. In: XX Encuentro Internacional Humboldt, 2018, Mendoza, Argentina. **Anais do XX Encuentro internacional Humboldt**, 2018.

BASTOS, José Messias; SILVA, Marcos Aurélio da; PEREIRA, Raquel Maria Fontes Do Amaral. A categoria de formação sócio-espacial e a Geografia Regional. In: XV Encontro Nacional de Geógrafos, 2008, São Paulo. **Anais do XV Encontro Nacional de Geógrafos**, 2008. p. 1-8.

BASTOS, Maycon. N. ; BASTOS, José Messias . O ciclo da madeira e a constituição do espaço urbano de Lages/SC: um estudo de Geografia Econômica. In: VII Encontro Nacional da ANPEGE, 2007, Niteroi. **Anais do VII Encontro Nacional da ANPEGE**, 2007.

BASTOS, José Messias; MARTINS, Fabiola . O processo de urbanização no litoral e a expansão do turismo na capital catarinense - Florianópolis - Santa Catarina - Brasil. In: 12º Encontro de Geógrafos da América Latina, 2009, Montevideu. **Anais do 12º Encontro de Geógrafos da América Latina**, 2009. p. 1-10.

BASTOS, José Messias. O comércio varejista da América Latina. In: 12º Encontro de Geógrafos da América Latina, 2009, Montivideu. **Anais do 12º Encontro de Geógrafos da América Latina**, 2009. p. 1-10.

BASTOS, José Messias; CAMPOS, Edson T. A urbanização da região metropolitana de Florianópolis e as inversões imobiliárias. In: VIII Encontro Nacional da ANPEGE, 2009, Curitiba. **Anais do VIII Encontro Nacional da ANPEGE**, 2009. p. 1-11.

BASTOS, José Messias; BASTOS, Maycon. N . Atual cenário econômico na região serrana em Santa Catarina: urbano x industrial. In: VIII Encontro Nacional da ANPEGE, 2009, Curitiba. **Anais do VIII Encontro Nacional da ANPEGE**, 2009. p. 1-10.

BASTOS, José Messias. O Comércio Varejista nos anos 90. In: X Encontro de Geógrafos da América Latina, 2005, São Paulo. **X Encontro de Geógrafos da América Latina - Resumos**. São Paulo, 2005. v. 1. p. 111-111.

BASTOS, José Messias; ESPÍNDOLA, Carlos José . O Papel da Geografia na Sociedade. In: I Congresso Curitibano de Geografia, 2004, Curitiba. **I Congresso Curitibano de Geografia - Anais**, 2004. v. 1. p. 16-16.

BASTOS, José Messias. Transformações Recentes no Comércio Varejista Mundial e Brasileiro. In: VI Congresso Brasileiro de Geógrafos, 2004, Goiânia. **Caderno de Resumos do VI Congresso Brasileiro de Geógrafos**. Goiânia: Gráfica UFG, 2004. v. 1. p. 434-434.

BASTOS, José Messias; BLUM, Luciane . As Bases Econômicas do Crescimento Urbano do Litoral de Santa Catarina. In: XIX Semana de Geografia, 2003, Londrina. Interfaces do Território: Ambiente e Cidadania. **Anais...** Londrina, 2003. v. 1.

BASTOS, José Messias. Urbanização, comércio e pequena produção mercantil pesqueira em Florianópolis-SC. In: XII Encontro Nacional dos Geógrafos, 2000, Florianópolis. Os outros 500 na formação do território brasileiro. **Anais...** Florianópolis: AGB/UFSC, 2000. v. 1. p. 154-154.

BASTOS, José Messias. Reestructuracion Curricular de los Cursos de una Escuela Tecnic: Relato y Reflexões de una Experiencia. In: Pedagogia 97 Encuentro por la Unidad de los Educadores Latinoamericanos, 1997. **Anais...** Havana, 1997.

BASTOS, José Messias. Comércio de Múltiplas Filiais em Florianópolis-SC. In: Congresso de História e Geografia de Santa Catarina, 1996, Florianópolis. **Anais do Congresso de História e Geografia de Santa Catarina**. Florianópolis: Instituto Histórico de Santa Catarina, 1996. p. 182-183.